

Materia elaborada pelo PORANTIM, datada de 11/9/80.

Não fosse a grande divulgação e o local escolhido, a assembléia da Cooperativa dos Pecuáristas de Boa Vista (COMPEC), realizada no dia 28 de agosto último, no Palácio da Cultura, em Boa Vista, teria passado quase despercebida.

Acontece que na ordem do dia contida no edital de convocação, um assunto merecia uma especial atenção por parte dos socios e outros interessados: a demarcação das terras indígenas. A FUNAI acabava de divulgar o nome das primeiras dez áreas indígenas, que começariam a ser demarcadas imediatamente.

DOCTRINAÇÃO

Tão logo iniciou o debate do controvertido assunto, algumas pessoas passaram a dirigir a discussão, na tentativa de doutrinar os presentes num rumo estabelecido de antemão. Partindo de uma posição de crítica constante à FUNAI, tentavam chamar atenção para o perigo de serem prejudicados todos os fazendeiros que ocupam áreas indígenas, caso aceitassem a solução jurídica (demarcação) da forma que havia sido proposta. Mas, uma contrapartida somente jurídica talvez não seria suficiente.

Depois de muita discussão, com um ambiente então mais tenso, as colocações foram se tornando mais claras e o caminho legal para evitar a perda das terras em áreas indígenas foi sendo relativizado: "O remédio jurídico é a penúltima arma que nós vamos usar, porque a última depende da coragem de cada um. O remédio jurídico é a penúltima arma que nós devemos usar! Não é? É a penúltima..." - propunha, insinuante, o fazendeiro Amazonas Brasil.

OS PADRES

Se era certo que havia uma disputa de interesses entre fazendeiros e índios, isso não justificava, na opinião dos oradores, que continuasse a onda de "incitamento" à discordia, promovida por elementos estranhos ao ambiente. Urgia apresentar ao público presente um bode expiatório. Quem seriam os promotores de tanta divisão depois de tantos anos de pacífica e cordial convivência? Com voz solene, o vereador e fazendeiro Estácio Melo, fazia exatamente esta pergunta: "Sabem os senhores quem está incentivando esse confronto?" - após uma pausa ensaiada, afirmou categórico: "OS PADRES!". Passado um primeiro instante de choque a platéia aplaudiu com entusiasmo o orador.

Seguiram-se as mais diversas acusações aos "padres italianos", à Prelazia de Roraima (hoje Diocese), procurando caracterizá-los como aliados dos interesses multinacionais no Território Federal de Roraima.

A FALA DO DEPUTADO

Como numa peça de teatro, os atores foram se sucedendo e preparando o momento culminante, onde apareceria o deputado federal Hélio...

Campos (PP-RR). Este tratou de ganhar uns votos e certamente o conseguiu, aproveitando sem perda de tempo aquele momento emocional tão propício. Começou por elogiar a posição de um certo vereador oposicionista (de Ma-naus?) que fez críticas ao trabalho desenvolvido por missionários comprometidos com a causa indígena.

Tomando a linha dos discursos anteriores e assumindo a defesa / dos índios, como o mais apaixonado dos indigenistas (até esqueceu que é autor de um projeto que expulsa os índios de sua terra quando moram a até 150 Km da fronteira), o deputado pepista denunciou aquilo que classificou de crime contra a nação e os homens brasileiros: "a discriminação que so-frem os índios, que estão sendo joguetes na mão, principalmente, de estran-geiros, que aqui vêm com uma missão gloriosa espiritual de nos trazer o conforto da nossa religião, e se prestam ao papel de quererem formar nes-te país uma nação indígena."

Em seguida condenou o bispo Dom Tomás Balduino, do CIMI, por de-fender a autodeterminação dos povos, provocando uma intencional confusão entre os termos "Estado" e "Nação".

A DESINFORMAÇÃO

Como era a vez dos bispos, o deputado passou então a caluniar a pessoa de Dom Aldo Mongiano, bispo da Diocese de Roraima, baseando-se em supostas informações obtidas do SHI, que, se confirmadas, colocariam aque-le órgão no ridículo: "quem quiser que vá ao SHI saber a ficha de Dom Al-do Mongiano, homem que passou grande parte de sua vida em Angola, durante os acontecimentos de independência e teve que sair. Passou para Madagascar e onde ficou durante algum tempo e teve que sair corrido de lá e veio se instalar NESTA TERRA!" - bradou.

Ora, é sabido que Dom Aldo nunca esteve em Angola ou Madagascar. Esteve, sim, em Moçambique, onde era missionário e de onde só saiu por o-casião de sua nomeação ao cargo de bispo prelado da então Prelazia de Ro-raima.

EFEITO DOS DISCURSOS

Quem pensou que os pronunciamentos inflamados e com passagens a-té ¹vulgares, ficassem só entre as quatro paredes do Palácio da Cultura, en-ganou-se completamente. Como por encanto, já nos dias seguintes começaram a acontecer embargos nas demarcações de áreas indígenas como Ponta da Ser-ra, Curo, Anenás, etc.

As demagógicas promessas do deputado Nélio Campos, fizeram com que vários fazendeiros se opusessem à demarcação determinada por lei, constituindo-se, isso sim, em crime contra a Constituição do país.

Devido ao clima criado, as duas empresas que haviam iniciado as demarcações tiveram que suspender os trabalhos, enquanto que o delegado regional da FUNAI em Boa Vista, Dinarte Nobre de Madeiros, segundo comen-tário corrente, vem sofrendo toda sorte de pressões. (NS)

NOTA: A Secretaria Executiva rebateu os originais, em espaço 1, para dimi-nuir as despesas com reprodução e Correio.